

#32 Abordagem do Texto da Prajnaparamita (linha a linha)

– RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari, 25/07 a 02/08

Revisora: Sandra Knoll

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #32

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Abordagem do Texto do Prajnaparamita (linha a linha)

O texto do Prajnaparamita começa com os versos que eu já comentei. Agora o texto mesmo:

Assim eu ouvi. Uma vez o abençoado estava residindo em Rajagriha, na montanha do Pico dos Abutres. Junto com ele estava um grande grupo da sanga dos monges e da sanga dos bodisatvas. Em dado momento, o Abençoado entrou no Samadhi que examina os diferentes tipos de Dharma, chamado “profunda iluminação”.

Esse ponto aqui é interessante porque quando vocês leem “diferentes tipos de dharma”, quer dizer as múltiplas aparências. Então a prática do Buda, a lucidez, vai transformando as aparências comuns em compreensão e em ensinamentos. Essa é a razão pela qual as aparências comuns, que são os darmas, se transformam em Darmas, enquanto ensinamento, enquanto compreensão.

Os Darmas, quando nós vamos olhar, por exemplo, <1:26 “Maha Satipatthana Sutra”> surgem como as múltiplas aparências internas. Por exemplo, os cinco skandas seriam como darmas, as emoções, tudo isso são darmas. Dharma é, portanto, tudo aquilo que conseguimos olhar, discriminar, apontar, e surge como se fosse algo que podemos nos colocar como observador daquilo.

A prática do Buda é iluminar os darmas. Ele vai olhando tudo aquilo que parece que são aparências comuns e vai olhando de uma forma profunda, seguindo o mesmo script do Satipatthana Sutra. Ou seja, olhando os darmas um a um como aquilo que parece ser mesmo. Então, nós vamos olhando e terminamos ultrapassando a visão comum. Essa é a prática do Buda. Ele está constantemente trabalhando nas aparências para transformar as aparências em experiência de iluminação.

E ao mesmo tempo, o nobre Avalokiteshvara,

Avalokiteshvara é Chenrezig. É essencialmente a manifestação compassiva que se aproxima dos seres para tratar da relação com eles no âmbito onde eles estejam.

O nobre Avalokiteshvara, o bodisatva-mahasatva, enquanto praticava a profunda Prajnaparamita, viu que os cinco skandas eram vazios por natureza.

Nós sempre começamos neste ponto a Prajnaparamita, ou seja, olhamos alguma coisa condicionada e encontramos um método a partir do qual vamos reconhecer isso como uma natureza da realidade daquilo, e isso se dá quando nós conseguimos sair dos referenciais condicionados para a Mandala do Buda Primordial. Isso significa que nós conseguimos olhar as aparências como elas vierem, a partir da natureza livre da mente, portanto, manifestando a cognição discriminativa prístina da consciência auto reflexiva. Essencialmente isso. Manifestando Rigpa. A própria experiência de Rigpa, de olhar as aparências, define aquilo que significa travessia, porque começamos com uma aparência comum, e por isso precisamos de uma cognição discriminativa prístina da consciência auto reflexiva, pois, a partir de Rigpa, nós olhamos as aparências e atravessamos o aspecto ilusório delas, conseguimos olhar através disso, e aí nós vemos o aspecto luminoso dessa realidade. Isso é uma travessia. Então, Chenrezig encontra os seres, encontra as mentes confusas onde elas estejam, esse é o seu papel.

Então, pelo poder do Buda, o venerável Shariputra disse ao nobre Avalokiteshvara, o bodisatva-mahasatva.

Quando vocês leem “o poder do Buda”, é a própria natureza lúcida dentro de Shariputra, essa aspiração para atingir a liberação. Shariputra é inseparável disso.

Então, pelo poder do Buda, o venerável Shariputra disse ao nobre Avalokiteshvara, o bodisatva-mahasatva: “Como deveria proceder o filho ou a filha de nobres qualidades que quisesse praticar a profunda Prajnaparamita?”

É uma pergunta assim: como é o barco que permite atravessar para o outro lado? O que eu faço? Como se faz para atravessar para o outro lado?

Por ter sido perguntado dessa forma, o nobre Avalokiteshvara, o bodisatva-mahasatva, disse ao venerável Shariputra: “Ó Shariputra, um filho ou uma filha de nobres qualidades que desejasse praticar a profunda Prajnaparamita deveria ver assim:

Então, ele está descrevendo a prática:

Todos os cinco skandas têm a natureza da vacuidade.

Isso é uma instrução de meditação. Neste momento, nós, tendo ouvido essa expressão “todos os cinco skandas têm a natureza da vacuidade”, contemplamos se os skandas realmente têm a natureza da vacuidade ou não, e encontramos os exemplos. Essa contemplação vai fazer o amadurecimento da prática. Quando nós dizemos “os cinco skandas têm a natureza da vacuidade”, isso é uma informação. Então, se vocês olharem o Sutra todo, o <6:46 “Trijang”> Rinpoche classifica como Segunda Volta do Darma, porque o Sutra dá uma informação, ele dá uma direção, mas ele não dá a instrução detalhada de prática.

Por exemplo, a instrução piedosa tem outra característica, se diz que a instrução piedosa (ou instrução quintessencial) pertence à Terceira Volta do Darma. Se vocês olharem com cuidado, os grandes mestres da Linhagem Nyngma não estão trabalhando numa descrição teórica, eles não estão trabalhando de modo filosófico, eles estão constantemente dizendo como se faz para olhar. Os ensinamentos de Guru Riponche sobre os cinco bardos é um exemplo disso, porque ele aponta Darmata, como nós chegamos até Darmata. Então, ele dá ali os seis selos direitinho, claramente,

aquilo é uma prática. E ele vai mostrar como nós fazemos em cada caso, detalhando como é a observação: faz assim, observa e faz assim.

Este tipo de procedimento é diferente de um procedimento onde aquilo é falado apenas, como aqui: “todos os cinco skandas tem a natureza da vacuidade”. É um pouco uma descrição, está certo que se os praticantes têm a capacidade, têm o olho, eles não precisam de mais nada, eles olham e estão vendo. Por exemplo, no Satipatthana o Buda diria, contemple cada skanda tal como ele se apresenta. Ele ia dizer mais resumido ainda, aqui ele diz “os cinco skandas”, ou seja, cada skanda tem a natureza da vacuidade, ele já dá uma dica.

Uma instrução quintessencial seria uma coisa do tipo: observe as formas, não existe um poste no tronco, ali tem um tronco, mas você está vendo um poste; não tem a imagem dentro do espelho, você está vendo, mas não tem. Podemos pensar nos mais diferentes exemplos. Essa instrução é mais detalhada do que a instrução na qual dizemos: todas as aparências são vacuidade, ou a instrução que diz: contemple experiência por experiência nela mesma.

Então, vamos supor que o Buda diz: contemple o corpo como corpo, sensação como sensação, cada skanda como cada skanda, contemple isso. Acho que eram bons praticantes apoiados pela própria presença do Buda, porque eles olham e já estão vendo, não precisam mais do que isso. Agora, vamos supor que está super explicado, mas a pessoa não é capaz de ver, portanto, não adianta, o que adianta realmente é a pessoa ver, seja a instrução curta, seja a instrução média ou seja a instrução detalhada. Mas a pessoa não vê, aí não vê. No entanto, se a pessoa tem a capacidade de ver, mesmo com a instrução curta, a pessoa descobre aquilo.

Todos os cinco skandas têm a natureza da vacuidade.

Aí começa...

Forma é vazio, vazio é forma. Forma, nada mais é do que vazio, vazio, nada mais é do que forma.

Mas ele não está dando nenhum exemplo, não está apontando como uma instrução quintessencial, uma instrução piedosa.

Do mesmo modo, sensação, percepção, formação mental e consciência são todos vacuidade.

Ainda que isso aqui tenha três linhas: “Todos os cinco skandas têm a natureza da vacuidade, forma é vazio, vazio é forma, etc. Do mesmo modo, sensação, percepção, formação mental e consciência são todos vacuidade”, precisaríamos entrar em retiro e começar a olhar tudo com esse olho. Se não olharmos, o aspecto grosseiro não é reconhecido como vacuidade, a aparência não é vista como surgindo da vacuidade, que é o aspecto grosseiro. Sendo assim, se nós não vemos o aspecto grosseiro, a mente sutil que vê também não aparece; se a mente sutil que vê não aparece, a mente secreta que origina a mente sutil não aparece também; então não aparece nada. É assim. Aí a pessoa diz: “forma é vazio, vazio é forma”, como é comentado no Prajnaparamita, pronto! É isso! Ou a pessoa diz “OM GATE GATE PARAGATE PARASAMGATE BODHI SVAHA” sem entender, e fica repetindo, o que já é uma boa coisa, porque enquanto a pessoa faz isso não faz outra coisa e, com o tempo ela pensa: por que eu estou repetindo? Por que isso me causa essa conexão? E termina estudando. Dessa forma, ela vai contemplando, vai contemplando e vai duvidando. O que que ele quer dizer com isso? Isso é super importante, eu sinto que é importante, mas não sei porquê. E a pessoa vai olhando, vai olhando e vai aprofundando, aí Chenrezig segue:

Assim, Shariputra, todos os darmas são vacuidade.

Outra informação. Todos os darmas, pensem! Todas as aparências são vacuidade.

Não têm características.

As aparências não têm características, nelas mesmas.

São não nascidas.

Significa que elas não surgem por uma causalidade.

E não cessam. Nem são impuros e nem livres de impurezas.

Se disséssemos que são impuros, nós não poderíamos reconhecer o aspecto luminoso das aparências. Se disséssemos que são livres de impurezas, então onde está o samsara? Onde está o sofrimento? Onde está a confusão? Portanto, ainda que não seja impuro, nem livre de impureza, a natureza primordial, a luminosidade é a base de tudo, e o sofrimento existe.

Nem decrescem e nem crescem.

Ou seja, não se modificam. Esse é um ponto interessante. Nós poderíamos pensar: bom, a coluna com o tempo está envelhecendo, ela está ficando craquelada, mas, cada vez que nós olhamos para a coluna, nós construímos aquilo, nós temos um referencial, aí nós olhamos de novo e de novo. Cada vez que eu olho, eu tenho uma outra impressão, então, eu vou comparando essas impressões, mas, se a primeira impressão já não é, já não me permite dizer que a coluna exista, então a segunda também não, a terceira também não. É a mesma coisa. Logo, não vamos dizer que há uma transformação.

Portanto, Shariputra, a vacuidade não tem forma,

Agora, ele começa a olhar não mais os objetos, mas olha o próprio lugar de onde estava olhando.

Portanto, Shariputra, a vacuidade não tem forma, nem sensação, nem percepção, nem formação mental, nem consciência.

Ele está se referindo ao aspecto primordial da própria natureza da mente.

Não tem olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente;

Essa natureza lúcida, luminosa, que olha, não tem marcas internas, não tem forma, nem sensação, nem percepção, nem formação mental, nem consciência. Não tem olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente; não tem aparência, som, cheiro, sabor, tato e objetos da mente. Essa natureza búdica primordial.

Não tem os elementos de consciência relacionados aos olhos (e demais sentidos físicos), não tem mente ou elemento de consciência da mente. Não tem ignorância, nem extinção da ignorância, nem os elos subsequentes até velhice e morte e a extinção de velhice e morte.

Então, nessa experiência primordial não há isso, ou seja, os condicionantes são todos construídos, eles não estão presentes de modo primordial.

Do mesmo modo, na vacuidade não há sofrimento, ou origem do sofrimento, ou extinção do sofrimento, nem caminho. Nem sabedoria, nem realização e nem não realização.

Não é que não haja o sofrimento ou origem do sofrimento ou extinção do sofrimento ou caminho. Não é isso. É que na natureza da vacuidade, não há. Logo, todas essas expressões, mesmo a ignorância ou extinção da ignorância, elos subsequentes, etc., tudo isso pertence ao caminho e pertence ao samsara. Fora do samsara não há isso, ou seja, na vacuidade não há isso;

na vacuidade não há os elementos de consciência, não há olhos. Tudo isso são construções que brotam de modo luminoso do mesmo modo que os cinco skandas (forma, sensação, percepção, formação mental e consciência). Mas como nós veríamos isso? Precisariamos pegar linha por linha e contemplar. Isso é um roteiro de meditação.

Portanto, Shariputra,

Aí, depois de muito contemplar, chegamos nessa linha.

Portanto, uma vez que os bodisatvas não têm nada para atingir,

Ele vê o que? Ele vê que a essência dos bodisatvas-mahasatvas está nesse aspecto da vacuidade, nesse aspecto primordial incessantemente presente e lúcido. Eles não têm nada para atingir, eles não estão saindo de um lugar para o outro, não estão assumindo outras características, eles repousam naquilo que é a base, sendo assim, ele não tem nada para atingir. Assim:

Eles se manifestam através da confiança na Prajnaparamita.

Ou seja, na própria sabedoria. Como se localiza a região primordial? Através da própria sabedoria Prajnaparamita. Então, a partir dessa conexão, eles localizam o aspecto primordial. Agora, Ele explica:

Uma vez que não há obscuridades mentais,

Não há nenhuma construção. Essa região de lucidez, ou seja, a vacuidade, ela é aberta, luminosa, cognoscente, mas ela não tem referenciais que se traduzem por aparências surgidas por originação dependente ou por causalidade. Naturalmente presente além do tempo. Isso significa que não há obscuridades mentais, então, não havendo obscuridades mentais, não há nenhuma prisão. Se houvesse uma prisão a partir de algo construído, nós teríamos desejo/apego e teríamos aflições decorrentes disso. Se nós nos apegamos a alguma coisa móvel, nós podemos perder. Aqui, como não há nenhuma fixação a coisa alguma, há uma abertura e uma lucidez, sem nenhum condicionamento para o surgimento dessa lucidez, então:

Não há medos.

Uma das características essenciais aqui é que não há medos. Esse é um ponto super importante. Por exemplo, Dūdjom Lingpa, ainda que ele descreva todas as experiências, ele se surpreende, porque escuta o rugido de um animal próximo e ele tem medo. Ele tem ainda uma região de existência que ele localiza e fica admirado que está lá. Isso significa que tem alguma obscuridade mental. No caso, era um nível de dualidade, ou seja, tem ele, as aparências e a lucidez correspondente, havia ainda um traço sutil de dualidade. Ultrapassando essa dualidade, ele elimina o medo, o sofrimento. Então “não havendo obscuridades mentais” significa que não há dualidade, não há nenhuma experiência onde a pessoa se coloca em um lugar e vê outra coisa, não há nenhuma construção, logo, não há medos.

Transcendendo completamente as visões falsas,

Quais são as visões falsas? São as visões que brotam por origem dependente.

Atingem o derradeiro nirvana. Todos os budas dos três tempos, por repousarem na Prajnaparamita, atingem completamente a iluminação perfeita e insuperável.

Agora ele chama essa lucidez. Essa lucidez é que permite designar o que são os Budas, então todos os “Budas dos três tempos, por repousarem na Prajnaparamita, atingem completamente a iluminação perfeita e insuperável”. Ou seja, ele se mantém completamente lúcido diante de todas as aparências a partir de uma natureza não construída, a qual eles têm uma

inseparatividade, porque eles manifestam a cognição. Essa cognição é inseparável da condição última. Aí ele diz:

Portanto, o mantra da Prajnaparamita

O mantra é como se fosse a quintessência disso, é o resumo dessa compreensão toda. Então, se nós quiséssemos resumir isso, o que faríamos? Tentaríamos pegar algumas palavras e iríamos resumindo. No fim, se nós conseguimos entender esse conjunto e guardamos isso, podemos dizer simplesmente OM GATE GATE PARAGATE PARASAMGATE BODHI SVAHA, entendeu? Aí, o outro não entendeu, mas, enfim, é isso! OM GATE GATE PARAGATE PARASAMGATE BODHI SVAHA. Todo o ensinamento está condensado nessa expressão curta. A condição sutil que permite ver, está condensada em um conjunto de palavras. Esse conjunto de palavras não precisa ser uma explicação, é o mantra: OM GATE GATE PARAGATE PARASAMGATE BODHI SVAHA.

Portanto, o mantra da Prajnaparamita – o mantra da grande lucidez – é o mantra insuperável,

Não há nada que tenha esse poder de dissolução da ilusão.

É o mantra insuperável o mantra que torna igual o que é desigual,

Ou seja, nós temos uma multiplicidade de aparências e todas elas são essencialmente luminosidade e vacuidade.

O mantra que pacifica por inteiro todo o sofrimento.

Quando ele chama o mantra da grande lucidez, ele usa a palavra Rigpa, que é lucidez. É importante sabermos que a palavra lucidez em tibetano é Rigpa. Então, a perda da lucidez, ou seja, avidya, é Marigpa. Esse é o ponto. Marigpa é avidya. Vocês vejam na página 32, quem olhar na segunda linha vai encontrar, onde está “não tem ignorância”, está MA-RIG-PA ME, ME é essa negação. Velhice e morte é GA SHI ME. Aqui nós vemos o que? Nós vemos o mantra da grande lucidez, RIG-PA-TCHEN-PÖ NGAG.

É o mantra insuperável, o mantra que torna igual o que é desigual, o mantra que pacifica por inteiro todo o sofrimento. Uma vez que não produz engano,

Ou seja, não tem nenhuma construção, nada. É só a aparência lúcida, capaz de reconhecer as coisas como elas surgem. Não produz conhecimento, não produz nada discursivo, nenhum engano, nenhuma elaboração.

Deveria ser reconhecido como verdadeiro.

Porque ele é primordial, autossurgido.

O mantra da Prajnaparamita é recitado assim:

OM GATE GATE PARAGATE PARASAMGATE BODHI SVAHA.

Agora vem a parte final, aqui terminaria a parte de apresentação. Agora ele diz:

Shariputra, é dessa forma que o bodisatva-mahasatva deveria treinar-se na profunda Prajnaparamita”.

Ele reitera isso, isso é um roteiro de treinamento.

Então, o Abençoado retornou de seu samadhi e louvou o nobre Avalokiteshvara, o bodhisattva-mahasattva, dizendo: “Muito bom, muito bom! Ó filho de nobres qualidades. Assim é! Assim é! É exatamente como ensinou. Deve-se praticar a profunda Prajnaparamita.

Aqui ele está dizendo: deve-se praticar.

Todos os Tatágatas irão felicitar”.

Ou seja, todos os Budas irão felicitar.

Quando o Abençoado pronunciou essas palavras, o venerável Shariputra e o nobre Avalokiteshvara, o bodhisattva-mahasattva, junto com toda a assembleia e todo o mundo com seus deuses, humanos, asuras e gandarvas,

Deuses, humanos, semideuses e gandarvas,

Todos se alegraram, louvando o que o Abençoado havia dito. Isso conclui o “Sutra do Coração da Bem-Aventurada Prajnaparamita”.

Isso é um roteiro de meditação. Essa parte está próxima também de quando nós estudamos a Iluminação da Sabedoria Primordial, podemos localizar que os:

“Demônios, impedimentos, espíritos despeitados e malévolos,

todos eles nada mais são do que manifestações da mente,

reconheça a mente livre de características,

Vacuidade e luminosidade são o absoluto Dorje Drolö”

Essa parte está explicada pelo Prajnaparamita. Agora, na parte da Iluminação da Sabedoria Primordial, é como se tivéssemos uma elaboração adicional, porque começamos a olhar o que é isso tão profundo. “O que é isso?” Então, começamos a mergulhar na compreensão dessa natureza, que tem essa capacidade toda. É o que ele vai fazer na Iluminação da Sabedoria Primordial. Esse é um ponto interessante. Por exemplo, esse texto da Iluminação da Sabedoria Primordial, ele não tem, que eu saiba, paralelo no Zen. Então o Zen descreve o Prajnaparamita e convida a praticar, mas não tem um detalhamento posterior.

O mestre Dogen tem uma super habilidade de falar de modo indireto, de falar a partir da realização mesmo. Por exemplo, ele se coloca no lugar livre, totalmente livre, e ele começa a olhar as coisas e vai falando o que ele está vendo desde esse lugar livre. Assim, ele produz um volume muito grande de contemplações, uma vastidão de contemplações, mas ele não explica as contemplações. Logo, aquilo vai surgindo como Koans. A pessoa não consegue entender muito bem. Mas aqueles Koans surgem como uma transmissão mente a mente, porque a pessoa vai contemplando aquilo e só vai entender quando ela estiver naquele lugar certo de olhar e, aí, ela olha. Então ela entendeu aquilo, chegou a compreender aquilo, que pode demorar um tempo, mas ela está no lugar da mente do mestre quando o mestre olhou. Nesse sentido, os ensinamentos do mestre Dogen são todos transmissões de Guru loga, direto. Mas ele não usa o método discursivo, ele não aponta: agora faça isso, agora torce aqui, agora dá uma espiadinha pra lá, agora vê, o que que você está vendo? Ele não faz isso. Então ela não cabe na descrição de instrução piedosa, propriamente. Por outro lado, é de uma beleza enorme, porque não só o mestre Dogen fala aquilo. É muito profundo, são visões muito profundas. Mesmo que a gente não entenda nada, é melhor ficar olhando ali pra ver o que vai dar. Porque o que a gente consegue contemplar daquilo é sempre muito extraordinário. Dessa forma, a pessoa se sente muito recompensada em contemplar os ensinamentos do mestre Dogen, porque são contemplações mesmo. A pessoa fica tentando ver aquilo, ela se coloca em meditação e vai olhando, vai olhando, e aí, aos poucos, a pessoa começa

a ver. É muito interessante esse método. Então assim a gente examinou o texto da Essência da Abençoada Prajnaparamita.